**ENTREVISTA COM PROFESSOR DANILO ROMEU STRECK -
EDUCAÇÃO POPULAR E AMÉRICA LATINA:
RESISTÊNCIAS, PERSPECTIVAS E UTOPIAS**

**INTERVIEW WITH PROFESSOR DANILO ROMEU STRECK -
POPULAR EDUCATION AND LATIN AMERICA:
RESISTANCE, PERSPECTIVES AND UTOPIAS**

Otávio Augusto Chaves Rubino dos Santos (Prema)¹

Danilo Romeu Streck
Fonte: Acervo do entrevistador

218

APRESENTAÇÃO

O Professor Doutor Danilo Romeu Streck é natural de Nova Palma, município próximo de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Danilo R. Streck passou sua infância e adolescência na zona rural, permeado pelos saberes campestinos e pela cultura popular.

Como informado em seu currículo lattes, “possui graduação em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1972), mestrado em Educação Teológica - Princeton *Theological Seminary* (1975) e doutorado em Fundamentos Filosóficos da Educação - *Rutgers - The State University of New Jersey* (1977). Realizou estágio de pós-doutorado na

¹ Atualmente é Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, CAA, PPGEduC) e Graduado em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. E-mail: premasindhudvs@hotmail.com

Universidade da Califórnia, Los Angeles, e no Max-Planck Institute for Human Development, em Berlim. É professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde atua principalmente nos seguintes temas: educação popular, educação e exclusão social, mediações pedagógicas e processos participativos. Coordena o grupo de pesquisa Mediações Pedagógicas e Cidadania. Integrou o Comitê Assessor da área da Educação do CNPq (2013-2018) e o Comitê Assessor da área da Educação e Psicologia da FAPERGS (2013-2016). É editor executivo da Revista International Journal of Action Research. Em 2019 recebeu o Prêmio Pesquisador Gaúcho (destaque em Educação), da FAPERGS”.

O Professor Doutor Danilo R. Streck veio a Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste, em Caruaru, para fazer a Conferência “A educação latino-americana e seus labirintos: sobre resistências, insurgências e utopias” no âmbito no Seminário Internacional “Superar Violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo”, organizado pelo Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina em parceria com o Grupo Curupiras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. O Seminário Internacional contou com mais dois conferencistas: Professor Dr. Boaventura de Sousa Santos e professora Dra. Petronilha Gonçalves e Silva; além de diversas mesas redondas, lançamento de livros, dezoito Grupos de Trabalho.

O Professor Danilo Streck é um intelectual orgânico que equilibra o rigor científico necessário para pesquisas acadêmicas com ações práticas, de luta contra as desigualdades sociais e de militância para um mundo com justiça social. Ele traz, em sua trajetória de vida, suas raízes ancestrais camponesas e a agricultura camponesa, aspectos que podemos perceber em suas pesquisas sobre educação popular, já que, concomitantemente com a profundidade teórica sobre o tema, Danilo Streck também traz sensibilidades, afetos, vivências e experiências com os movimentos sociais, perspectivas essas que fundamentam a própria educação popular.

Reconhecido internacional por sua contribuição teórica especialmente no campo da educação, não prescinde de ser uma pessoa simples, empática e acolhedora, alguém que está

disposto a servir e a construir um mundo melhor com as pessoas, tal como demonstra o sua obra intelectual e social em suas décadas de trabalho dentro da universidade.

É importante assinalar que essa entrevista é um registro de memória de luta e resistência da educação especialmente no Brasil. Luta contra as opressões que estamos vivendo atualmente pela barbárie do governo atual e seus inúmeros ataques à educação pública, aos movimentos sociais, povos originários, quilombolas, dentre tantos outros: um governo de caráter fascista, racista, sexista e classista.

Nesse difícil contexto, essa entrevista vem como uma inspiração na luta contra toda essa violência; é um alento em tempos complicados e uma esperança de que é possível “Superar Violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo”. Um mundo com leituras outras, cosmovisões populares de justiça social, vida comunitária, ancestralidade, partilha e afeto. A educação popular nos convida a vivências outras, a experiências situadas em várias comunidades que ensaiam outros modelos de convivência e de sobrevivência - é uma perspectiva de uma arte de viver.

220

Nesse sentido, o Professor Doutor Danilo Streck, em uma perspectiva insubmissa, tem muito a nos dizer sobre educação popular, suas perspectivas, desafios, possibilidades; sobre o passado, o presente e o futuro da educação popular na América Latina. E é isso que a entrevista explora, começando pela narrativa de sua vida e depois, abordando questões sobre os saberes originários na região, a *práxis*, o notório saber popular e as utopias latino-americanas.

Convidamos a todas e todos à leitura e partilha de saberes:

Otávio Augusto Chaves Rubino dos Santos (PREMA): Poderia contar um pouco, como uma narrativa, sobre suas memórias de vida e experiências no que diz respeito ao seu contato com a educação popular e os movimentos sociais na América Latina?

Danilo Streck (DS): Talvez seja interessante lembrar um pouco a minha própria origem. Eu me criei em uma família de colonos. O colono, originalmente, era visto de maneira negativa;

ser classificado com colono era pejorativo, já que eram pessoas que não tinham os modos urbanos, considerados mais “civilizados”. Com o tempo o conceito foi mudando. O colono é o pequeno agricultor – da agricultura familiar - aquele que tem um pedacinho de terra. São pessoas que ao longo do tempo desenvolveram formas de resistência em situações bastante adversas.

Nasci em Nova Palma, município perto de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, onde meu pai e minha mãe tinham uma pequena propriedade rural. Estudei na escola da comunidade, que era administrada pelos próprios integrantes da comunidade. Então, de certa forma, mesmo depois de viver na cidade, estudando e trabalhando, essa coisa do colono está um pouco colada em mim. Além disso, tem parentes que são pequenos agricultores e que, fazem parte de minha trajetória de vida.

Saí de casa porque a terra que meu pai tinha não dava para todos. Então, com 11 anos eu saí de casa e, com 16 anos, eu já estava assumindo uma escola como professor. Era uma escola no interior do estado e, novamente, de comunidade, com um grupo de alunos bastante diversificado, alguns deles bastante pobres. O que quero dizer é que não houve momentos de “conversão”, mas uma identificação ético-política quase que natural com pessoas que poderiam ser “ajudadas” através da educação.

Estudei com bolsa de estudos na faculdade; tive também bolsa de estudos para estudar no exterior. Ao retornar, trabalhei durante um bom tempo na escola de teologia da Igreja Luterana, a Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo. No fim dos anos 70 e início dos 80 falávamos do ecumenismo de base, com várias igrejas e movimentos inter-religiosos também, não só no Brasil, mas na América Latina como um todo. E tive oportunidade de participar, como assessor, de cursos e programas em vários países da América Latina, trabalhando com grupos e pessoas diferentes. Vejo agora que foi bom eu ter ido à faculdade de teologia porque foi uma verdadeira escola. Naqueles tempos de ditadura, a teologia da libertação figurava como uma referência teórica muito forte e muitas comunidades católicas e protestantes eram espaços de articulação dos movimentos no contexto urbano e rural. Eram

nesses espaços que as pessoas se encontravam e de lá vieram muitos contatos e articulações que até hoje ainda mantenho.

Depois entrei como professor da universidade e minhas pesquisas foram vinculadas com os movimentos sociais e acabaram se concentrando no orçamento participativo que teve sua origem em Porto Alegre e depois também foi implementado em nível de estado no Rio Grande do Sul. A questão da participação, a meu ver, é um conceito chave para a formação da cidadania e eu tenho me dedicado a compreender formas, canais e instrumentos de participação. A participação enquanto envolvimento com a sociedade, mas, também, a participação enquanto metodologia de pesquisa.

O nosso grupo de pesquisa trabalha com uma metodologia de pesquisa participativa, que tem como premissa a co-criação de conhecimento. A tentativa de reconstruir o saber na América Latina – a pesquisa e consequentes publicações sobre fontes da pedagogia latino-americana – está vinculada também a uma reconstrução metodológica tendo como referência, por exemplo, o colombiano Orlando Fals Borda, com a IAP (*investigación acción participativa*) e Paulo Freire que em sua investigação dos temas geradores desenvolve uma metodologia de pesquisa participante. Ambos são referências internacionais na pesquisa, muitas vezes desconhecidas entre nós.

Internacionalmente estou vinculado com grupos que trabalham com pesquisa ação. Dirijo uma revista, o *Internacional Journal of Action Research*. Faço isso também para tornar mais visível o nosso trabalho. É uma revista que é publicada na Alemanha, mas conta com uma comissão editorial com membros da Inglaterra, Noruega, Espanha e Brasil. Tenho a perspectiva de que podemos contribuir no diálogo internacional e para isso precisamos nos preparar e equipar. Tanto assim que pode parecer uma contradição, mas eu ministro um seminário em língua inglesa. Tive o privilégio de estudar no exterior (Estados Unidos) e sei que o conhecimento de língua estrangeira – hoje principalmente o inglês - abre muitas portas e oportunidades de participação e é importante que mais gente nossa esteja presente no cenário acadêmico internacional. Nesse sentido, podemos inclusive aprender com

movimentos sociais internacionais como a Via Campesina, a Marcha Mundial das Mulheres e organizações de povos indígenas.

A internacionalização não pode ser apenas uma “moda” para poucos privilegiados, mas precisa ajudar a desenvolver uma cultura cosmopolita crítica e solidária. Foi com essa intenção que criamos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) o Centro de Estudos Internacionais em Educação – CEIE (<http://www.unisinos.br/ceie>).

PREMA: A teologia da libertação, a educação popular e a pesquisa-ação são três conhecimentos originários da América Latina: poderia falar um pouco sobre eles? Você acrescentaria mais algum conhecimento originário da região?

DS: Primeiro, temos que ter um pouco de modéstia ao reclamar que alguma coisa é nossa, como conhecimento originário daqui. Por exemplo, a pesquisa-ação tem uma tradição que é mais antiga. O termo “pesquisa-ação” foi criado por Kurt Lewin num artigo de 1946, *Action Research and Minority Problems*, que está disponível na internet e que vale a pena ser consultado por quem se interessa pelo assunto. Lewin foi um psicólogo social judeu que no período do nazismo na Alemanha emigrou para os Estados Unidos e lá, entre outros, trabalhou com as chamadas minorias, que ele já reconhecia de fato como maiorias. De lá o movimento foi para a Europa e outros lugares.

O que acontece é que na América Latina a pesquisa ação-adquire feições próprias. Em especial, se acrescenta a dimensão política, de movimentos em favor de mudanças e transformações sociais. Basta ver o trabalho de Orlando Fals Borda, Michel Thiollent, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e João Bosco Guedes Pinto. Essa metodologia de pesquisa vai se solidificando aqui, mas também havia movimentos semelhantes em outros continentes. Esses movimentos não são estáticos e hoje deveríamos acrescentar a sistematização de experiências, onde temos nomes como Oscar Jara, Alfonso Torres e Marco Raúl Mejía.

Ao fazer a ressalva acima não estou menosprezando o “original” que se encontra na pedagogia do oprimido, na teologia da libertação, na pesquisa ação/participante e - o que não

foi mencionado – na educação popular. Essas práticas e teorias representam uma consolidação do pensamento latino-americano que foi sendo construído ao longo de séculos de lutas de resistência e de conquistas. Ao mesmo tempo precisamos reconhecer que precisamos continuar trabalhando na fundamentação para que essas mesmas práticas tenham como se sustentar nos atuais embates políticos e epistemológicos. O próprio legado de Paulo Freire não pode ser visto como algo pronto e acabado; na medida em que se reconstrói a memória se vê que há uma grande riqueza de temas e conceitos e serem explorados.

Se posso acrescentar algo, acho que o que entra mais forte agora é essa vertente dos povos originários, que, de certa forma, estava pouco presente na teologia da libertação e pouco presente em Paulo Freire. O próprio Paulo tinha consciência disso, de que essa reflexão não estava presente em sua obra. A vertente dos povos originários surge com força agora. É algo que vamos descobrindo. A teologia da libertação vai se transformando em uma teologia plural, nos anos 80, em teologia da enxada, teologia feminista, teologia negra, teologia andina, etc.. Assim, existem desdobramentos, como há um desdobramento que está presente na própria obra de Paulo Freire. A pedagogia do oprimido vai se desdobrando: pedagogia da esperança, pedagogia da indignação, etc.

Sobre a parte da pergunta o que eu acrescentaria, como já apresentei um pouco, eu acrescentaria os saberes dos povos originários e, agora, nesse momento que estamos vivendo, essa consciência internacional de justiça socioambiental. Isso é outra questão que se coloca como um desafio urgente para nós e que é de certa forma derivação do que estava acontecendo aqui, ou seja, pensar a cidadania para além de nossa cultura, de nosso país ou ainda de interesses bastante restritos ou até mesquinhos de certos grupos.

PREMA: Poderia contar um pouco sobre os saberes ancestrais na América Latina? O que eles nos ensinam? Quais visões de mundo compartilham? Quais deles mais o impressionam?

DS: Não sou especialista em saberes ancestrais, mas o que vejo é que há uma diversidade muito grande. Por exemplo, o livro ancestral dos Maias, o *Popol Vuh*, que descreve a criação, na qual o ser humano vai se transformando em processos de experimentação. Esses povos originários da América Central e do México pensam a criação do ser humano a partir do milho, o que é impressionante. Isso conecta o nosso corpo com o alimento, o conecta com o trabalho, com a terra. Então, a natureza como um todo é incorporada na constituição do ser. A natureza como ser de direito. As árvores como seres de direito. É uma reconexão com aquilo que nos cerca. Outro exemplo, os povos Guaranis e o respeito ao poder da palavra, da comunidade. É aprender a ler os rituais, a sabedoria que vem dos mais velhos, que aqui na nossa sociedade são descartados.

Há também, nesses povos, outra dimensão do tempo. Eu fui a um encontro na Bolívia e um indígena me explicou sobre a memória e sobre o passado. Ele me falou que enterram os mortos em locais altos, para que possam olhar e reconhecer a memória. É outra lógica de ver o mundo e de se ver no mundo. O passado não está colocado atrás como algo a eventualmente ser “recuperado”, mas está à frente para ajudar a guiar as próximas gerações.

PREMA: Como podemos viver esses saberes, essa decolonialidade, enquanto *práxis* no dia a dia? Enquanto um modo de vida?

DS: Primeiro, precisamos reconhecer que não estamos sozinhos, como “donos da verdade”. Pensar coletivamente, junto com outros isso é um compromisso. A *práxis* está no nosso compromisso, seja no dia a dia, seja na nossa pesquisa. Perguntas como essas nos ajudam: para que estou pesquisando? O que vou escrever? Como vou orientar meus alunos? Que histórias vou contar para minha neta? Isso é o cotidiano, é uma *práxis* no sentido freiriano de ação-reflexão; não é só apertar um botão como se as mudanças viessem automaticamente. Em outras palavras, não há uma receita e com certeza não há uma só forma de viver a decolonialidade.

PREMA: Quais são os legados e desafios da Educação Popular? Do movimento que iniciou a educação popular até hoje, quais os avanços e quais os atuais dilemas?

DS: A educação popular tem como habitat os movimentos sociais. No caso, os movimentos sociais populares, já que nem todos os movimentos sociais são populares. A educação popular tem alguns princípios. Ela está inserida nesse movimento que busca mudanças na sociedade. Ela é a dimensão pedagógica desses movimentos que lutam por uma transformação da sociedade. Por isso também não se pode identificar uma fórmula pronta e fechada na educação popular, já que ela vai se recriando. A educação popular tem, também, algumas perspectivas metodológicas, como o diálogo, que implica respeito ao saber do outro e humildade em relação ao que nós sabemos. No entanto, exige também um posicionamento ético-político-pedagógico baseado em valores como justiça, a solidariedade, a dignidade de cada ser humano e o respeito à natureza. A metodologia é de importância fundamental porque não se pode pensar em romper a unidade dialética finalidade-meios. Ou seja, se queremos uma sociedade diferente essa não poderá ser criada através de meios que contradizem o que colocamos como horizonte utópico. É importante esse permanente exercício questionar como lidar com o saber e com o poder, estando abertos para a recriação.

226

Um desafio importante hoje se refere à própria formação política, porque a educação popular sempre foi um lugar de formação de cidadania crítica. Como vemos hoje a relação com o poder, com o Estado? Qual a relação com os partidos políticos e organizações da sociedade civil? Qual é o papel da escola em tempos de censura externa e de autocensura? Como legado a ser cultivado e recriado destaco, principalmente, o aspecto da dialogicidade e a orientação ético-política de transformação a partir de baixo, dos movimentos sociais populares.

PREMA: Poderia falar um pouco sobre o notório saber dos mestres e mestras populares e a relação destes com a educação popular? Quem são os sujeitos da educação popular hoje?

DS: Como já mencionado, precisamos reconhecer que existem saberes diferentes, conhecimentos diferentes. A maestria, que não está concentrada somente na academia, está muito mais espalhada no mundo do que a gente imagina. A questão agora é o reconhecimento. E aqui há mais perguntas que respostas: quem vai reconhecer? O que vai ser reconhecido? Quando e onde vão ser reconhecidos?

É um assunto que na academia leva à transdisciplinaridade, que não é apenas o diálogo entre disciplinas diferentes, mas o envolvimento dos conhecimentos das comunidades; dos saberes dos sujeitos das comunidades. Nas comunidades existem saberes e conhecimentos assim como na academia, que tem dificuldade em reconhecer que não é o único lugar que gera o saber socialmente relevante. Precisamos aprender a ouvir esses outros saberes, restringindo o nosso afã de só ensinar. Temos um longo caminho para andar no sentido de um reconhecimento muito maior daqueles saberes que estão aí para acabar com essa invisibilidade a que são submetidos. No nosso caso, em uma sociedade extremamente desigual, a integração desses mestres como também legítimos produtores de conhecimento é um desafio ainda maior.

PREMA: Partindo da metáfora do labirinto - que você costuma usar - e pensando na América Latina, quais são nossos ensaios de utopia? Quais são as utopias latino-americanas?

DS: Nossa grande utopia é uma sociedade mais igual, que tenha lugar para todos, com oportunidades que permitam aproveitar o vasto potencial humano que hoje se perde. Acho que essa é a grande questão da América Latina, e em especial no Brasil. Somos vergonhosamente desiguais. Essa desigualdade não é só econômica, ela passa pelo gênero, raça, tipo de escola que se frequenta, etc... Para avançar em direção a uma sociedade mais justa é importante fazer coisas do tipo como vimos no “Seminário Internacional Superar Violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo”, organizado pelo Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina, aqui em Caruaru, onde muitas pessoas - e

pessoas que falavam de lugares muito diferentes - disseram a sua palavra de denúncia, mas também anunciaram práticas que sinalizam outras formas de fazer educação e de viver em comunidade e sociedade. Experimentamos dinâmicas muito interessantes: os movimentos sociais e organizações da sociedade fazendo sua parte, e a universidade trazendo a sua contribuição e se colocando como um espaço de diálogo e articulação. Assim, a utopia vai construída enquanto um projeto aberto.

A metáfora do labirinto é significativa para compreender o nosso contexto porque é muito difícil conceber o que somos como povo e o que nos une. A sensação é que quando pensamos estar próximos à saída, ergue-se novamente uma barreira e é preciso recomeçar. Mas o labirinto pode ser também o lugar de reflexão profunda enquanto se caminha em busca de alguma saída, de encontro com os faunos que nos guiam através dos meandros do labirinto ou com Ariadne que procuram nos alcançar algum fio.

PREMA: Como podemos articular os movimentos sociais na região e trazer a questão da América Latina para a escola, assim como graduações e pós-graduações?

Sua pergunta já parte da premissa de que pouco sabemos e estudamos dos demais países da América Latina. Tanto isso é verdade que às vezes falamos em Brasil e América Latina, como se não fôssemos parte dela. Esta situação não é de hoje e vemos o desejo de uma América Latina e Caribe mais unida em intelectuais como José Martí e José Carlos Mariátegui. Acredito que a articulação em qualquer nível e contexto passa pela informação e pelo estudo da realidade latino-americana e caribenha. Olhando para o nosso campo - da educação - precisamos reconhecer que no Brasil somos ignorantes em termos de conhecimentos sobre a história da educação nesta parte do mundo e também sobre o que acontece atualmente, seja em escolas ou em movimentos sociais.

Na escola e na universidade temos a possibilidade de incluir no currículo – oficialmente ou não – conteúdos e temas que tratem de nossa realidade. Por exemplo, na universidade podemos verificar se há autores e autoras da América Latina e do Caribe na bibliografia de

nossas disciplinas e podemos incentivar mestrandos e doutorandos a realizarem estágios de pesquisa em algum país da América Latina. Na escola básica podemos mostrar a riqueza cultural que se encontra no subcontinente: na literatura, nas artes plásticas, nos costumes e formas de viver. Não é necessário esperar que alguma reforma redentora exija que se ensinem essas coisas.

Uma das facetas da onda conservadora que hoje se vive em muitos países do mundo e da América Latina é exatamente o apagamento da memória das lutas populares e também O desmerecimento de temas considerados menores ou subversivos. Educadores e educadoras, em especial no campo da educação popular, ao longo desses anos aprenderam também inúmeras estratégias de transgressão que nesse momento precisam ser mobilizadas e recriadas.

Submetido em: 05/04/2020

Aprovado em: 27/04/2020